

Um Rio de Emoções: Turismo, Violência e Cotidiano nas Representações Midiáticas do Carnaval Carioca

Euler David De Siqueira¹

RESUMO

A construção da imagem do Turismo por parte da mídia encontra na expressão de emoções de turistas, uma forma, dentre outras, de comunicar alguns de seus sentidos. O presente estudo, de natureza qualitativa e orientado por um olhar antropológico, mapeia algumas das representações simbólicas presentes nas narrativas veiculadas pela mídia. A partir de matérias publicadas nos jornais O Globo, Jornal do Brasil e O Dia e exibidas pelos telejornais RJTV, Jornal da Globo e Em Cima da Hora, sentimentos e emoções ganham destaque ao expressar os problemas cotidianos da cidade. Eles informam sobre os muitos aspectos do turismo na cidade do Rio de Janeiro, assim como alguns de seus problemas crônicos, como os ligados à segurança pública e evidenciam, mais uma vez, o 'lugar' do Turismo na negociação da ordem social carioca.

ABSTRACT

A River of Emotions Tourism, and Everyday Violence in media representations of the Carnival of Rio de Janeiro - The construction of the image of Tourism by the media finds its expression in the emotions of tourists, one way, among others, to communicate some of their senses. This study is qualitative in nature, guided by an anthropological regard and maps some of the symbolic representations present in the media. From a material published in the newspapers O Globo, Jornal do Brasil and O Dia and displayed by the television programs RJTV, Jornal da Globo and Em cima da Hora, feelings and emotions are highlighted in expressing everyday problems of the city. They inform about the many aspects of tourism

Revista Rosa dos Ventos

4(IV) 458-468, out-dez, 2012

© O(s) Autor(es) 2012

ISSN: 2178-9061

Associada ao:

Programa de Mestrado em Turismo

Hospedada em:

<http://ucs.br/revistarosadosventos>



Palavras-chave: Turismo.
Comunicação. Cidade. Emoções.
Violência.

Keywords: Tourism.
Communication. City. Emotions.

¹ Doutor. Professor do Departamento de Turismo, Universidade federal de Juiz de Fora. E-mail: euler.david@ufjf.edu.br

in the city of Rio de Janeiro, as well as some of its chronic problems, Violence. such as those related to public safety and show, once again, the "place" of tourism in the negotiation of the carioca social order.

INTRODUÇÃO

Às vésperas do Carnaval carioca de 2009, 54 turistas foram vítimas de assaltos em dois albergues localizados nas regiões da Lapa, no centro da cidade, em Copacabana, na Zona Sul e em um passeio de jipe na floresta da Tijuca. As notícias ganharam os jornais e os programas de tevê locais e nacionais. Imagens de jovens turistas abrigados no interior de uma delegacia carioca eram a expressão de cansaço e desânimo após horas imobilizados pelos criminosos e das ameaças de morte. Nesse momento, emoções e sentimentos de medo, insegurança e impotência eram usadas para expressar ideias sobre o Turismo na cidade do Rio de Janeiro. Emoções e sentimentos eram reapropriados e veiculados pela mídia em um dos momentos mais significativos e de grande efervescência na vida social de cariocas, brasileiros e turistas. Inúmeros atores sociais do Turismo, tanto da iniciativa privada, quanto do Estado, foram acionados pela mídia nesse momento. Nos discursos e narrativas veiculados pela mídia sobre a violência cometida contra turistas, representantes do *trade* turístico cobram providências mais enérgicas de autoridades públicas, como o governador do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral Filho, ao mesmo tempo em que assinalam os danos à imagem da cidade do Rio de Janeiro e seus desdobramentos para o Turismo no local. Enquanto representantes da iniciativa privada reivindicavam às autoridades ações sob a forma de projetos mais eficazes, representantes do Estado respondiam com medidas que iam desde o aumento do policiamento na área dos assaltos até projetos de médio e longo prazo, tais como o cadastramento de todos os albergues da cidade e uma maior fiscalização dos mesmos por parte dos órgãos competentes. Elaborava-se, assim, uma intrincada rede de eventos, atores e grupos sociais em que significados eram tecidos e expressos tendo emoções e sentimentos como elementos principais de uma gramática simbólica veiculada pela mídia sobre o Turismo na cidade do Rio de Janeiro. Em um campo social marcado por múltiplas vozes, interesses e inúmeros conflitos, despontam emoções e sentimentos experimentados por aqueles que foram alvo da violência urbana e sobre os quais a mídia irá operar, ordenar e comunicar.

No Turismo, assim como em outras esferas sociais, emoções e sentimentos são frequentemente associados à subjetividade e, dessa forma, esvaziados de toda e qualquer relação com a dimensão coletiva. Longe de emoções e sentimentos serem tomados como estados interiores de sujeitos atomizados, dados prontos e acabados à observação neutra, são pensados aqui como construções sociais e simbólicas, afinal: "Les sentiments et les émotions ne sont pas des états absolus, des substances transposables d'un individu et d'un groupe à l'autre, ce ne sont pas, ou pas seulement, des processus physiologiques dont le corps détiendrait le secret. Ce sont de relations" (LEBRETON, 2001, p.7).

Mapear as categorias explicitadas nos discursos e narrativas dos inúmeros atores sociais veiculadas pela mídia, sob a forma de representações coletivas, é condição fundamental à compreensão de como uma parte do Turismo na cidade do Rio de Janeiro é pensado e praticado. A presente pesquisa, de natureza qualitativa, se vale do referencial teórico-metodológico da Antropologia e da Sociologia. A amostra das reportagens, não-probabilística, foi escolhida de maneira intencional por reunir as informações que melhor parecem retratar a seqüência de eventos praticadas nos dias que antecederam ao carnaval carioca de 2009.

CIDADE, TURISMO E EMOÇÃO

Turismo e cidade se confundem em muitos aspectos. Na mesma cidade onde moramos e mantemos nossa 'atitude de reserva', nos moldes descritos por Simmel (1973), turistas se divertem, se encantam, se decepcionam e também se emocionam. Essa ambiguidade é ela mesma parte constituinte da cidade. Assim, pesquisamos na cidade mesmo quando estão em jogo representações veiculadas pela mídia. Quando turistas são vítimas da violência na cidade do Rio de Janeiro, às vésperas do carnaval, e emoções são acionadas como categorias de pensamento e expressão do significado socialmente construído, os desdobramentos são explicitados e exacerbados, afinal, o "efeito do meio urbano é intensificar todos os efeitos de crises" (PARK, 1973, p.50). Em um universo onde o anonimato, a solidão e a multidão assinalam algumas das muitas características da vida na metrópole, a manifestação das emoções emerge rompendo a cadeia da impessoalidade e do distanciamento social que todos experimentamos na cidade como uma forma mesmo de resguardo e reserva da saúde psíquica: a atitude Blasé, que nos dizeres de Simmel (1973, p.15), "resulta em primeiro lugar dos estímulos contrastantes que, em rápidas mudanças e compressão concentrada, são impostos aos nervos. Disto também parece originalmente jorrar a intensificação da intelectualidade metropolitana".

Na discussão acerca da relação entre cidade, emoções e subjetividade, Simmel estabelece uma polarização entre o tipo da cidade pequena com seu conjunto de relações mais profundas, tais como as sentimentais e emocionais, ao tipo da cidade grande, marcado pelo desenvolvimento psíquico do intelecto. O tipo social metropolitano teria no desenvolvimento do intelecto uma forma de salvaguardar sua interioridade da torrente de estímulos sensoriais que a metrópole o submete. Enquanto na cidade pequena ou na vila rural as camadas mais profundas do sujeito não seriam ameaçadas pelo conjunto de sensações e impressões que ali fluem mais lentamente, a metrópole

[...] extrai do homem, enquanto criatura que procede a discriminações, uma quantidade de consciência diferente da que a vida rural extrai. Nesta, o ritmo da vida e do conjunto sensorial de imagens mentais flui mais lentamente, de modo mais habitual e mais uniforme. É precisamente nesta conexão que o caráter mais sofisticado da vida psíquica metropolitana se torna compreensível - enquanto oposição à vida de pequena cidade, que descansa mais sobre relacionamentos profundamente sentidos e emocionais (SIMMEL, 1973, p.12).

Emoções e Turismo estão presentes juntos ou separados em inúmeras manifestações sociais. De acordo com David Le Breton, emoções são relações. Assim: "Pour qu'un sentiment (ou une émotion) soit ressenti et exprimé par l'individu, il doit appartenir sous une forme ou sous une autre au répertoire culturel de son groupe" (2001, p.104). Então, conceber o Turismo como um fato social total inclui também refletir sobre a dimensão das emoções (MAUSS, 1974). A referência explícita a Mauss visa a ultrapassar as noções mais reducionistas, instrumentalistas e ou funcionalistas presentes no fenômeno. É do homem total, presente na tríade sociológica-psicológica e biofisiológica de que estou falando. Pensar o Turismo como fato social total implica em não considerarmos somente as fases mais aparentes do fenômeno turístico: o deslocamento, a permanência e o retorno do turista a uma dada localidade. Antes mesmo de se deslocar, construímos expectativas acerca de nossas viagens a partir de oposições que podem variar enormemente; entramos em contato com imagens e narrativas midiáticas, assim como inúmeros mediadores sociais que nos falam de lugares fantásticos e paradisíacos que são imediatamente contrastadas com o local onde vivemos.

EMOÇÃO, PESSOA E CLASSIFICAÇÃO

Há muitas formas de conceber aquilo que, em geral, é classificado como emoção ou estado afetivo e sentimental. À psicologia, de uma maneira geral, emoções são entendidas como manifestações internas e profundas de estados psíquicos individuais que se relacionam a estímulos corporais e ou sensoriais internos ou externos. Na tradição sociológica durkheimiana², emoções individuais são polarizadas à razão da mesma forma que as noções de sagrado (coletivo) e profano (indivíduo); representações coletivas e representações individuais são opostas distintivamente. Ei-nos diante de um dualismo que reifica a noção de indivíduo, tomando-a como dada e natural. Polarizadas à razão ou à dimensão intelectual, como bem quer Simmel (1973) para o tipo metropolitano e ao campo social normativo, emoções são localizadas em um campo suficientemente amplo, no qual indivíduos que se vêem como autônomos optam e deliberam, afinal, tratar-se-ia de uma esfera privada e interna, controlada pela vontade de um sujeito que crê ser livre mesmo quando a situação histórica e social impõe-lhe restrições, deveres e obrigações.

Não bastasse opor distintiva e linearmente sociedade *versus* indivíduo, representações ou ideias coletivas *versus* representações ou ideias individuais, emoções foram opostas à *razão* e à *lógica*. Mas, eis que aqui nos encontramos diante de um dualismo no mínimo problemático. Toda sociedade é composta por indivíduos concretos, empíricos, mas isso não significa concebê-los como Indivíduos Morais dotados 'naturalmente' de valores tais como *vontade, liberdade e igualdade*. Aderir a essa tese implicaria conceber o indivíduo em sua concepção moderna como sendo um dado natural ou ainda possuindo uma essência humana universal. Em outras palavras, significaria aderir à "noção de indivíduo como ser moral e racionalmente autônomo, não-social (i.e. logicamente anterior à sociedade), sujeito normativo das instituições, tendo como atributos a igualdade e a liberdade" (VIVEIROS DE CASTRO, ARAÚJO, 1977, p.139).

No formidável debate que se instaurou em torno da noção de pessoa no Ocidente, o campo das emoções, assim como também o de seu controle, foram deslocados para o interior de um sujeito dotado naturalmente de subjetividade, vontade, liberdade e autonomia, *versus* outro conjunto de relações sociais exteriores, contratuais, jurídicas e, por isso mesmo, coercitivas. Enquanto o campo das relações sociais exteriores foi ou é identificado com o pólo das regras e da obrigação, as emoções, por oposição, diriam respeito às decisões privadas única e exclusivamente de indivíduos autônomos. Mas, o campo das emoções não está excluído do conjunto mais amplo das relações sociais, ao contrário. Emoções fazem parte das relações sociais como uma parte da dimensão interna e privada de sujeitos que optam ou ainda preferem livremente (idem, p.133). Temos, assim, uma oposição entre emoções=deliberação [Indivíduo] x Direitos/deveres=constrangimento [Contrato/Estado].

Do ponto de vista desse trabalho, que é desde já da ordem de um olhar sociológico e antropológico relacional, importa tratar emoções como construções sociais. Em outras palavras: "Les sentiments ou les émotions participent donc d'un système de sens et des valeurs propres à un groupe social dont elles confirment le bien-fondé, les principes qui organisent le lien social" (MAUSS, 2001, p.9). Emoções são expressões, coercitivas certamente, no sentido atribuído por Mauss, o que não quer dizer conceber univocamente um sujeito cego cumpridor de regras destituídas de sentido subjetivo. Tomadas como construções sociais,

² Sabemos o quanto a sociologia positivista, notadamente a durkheimiana, caminhou no sentido oposto dessa concepção, localizando no exterior, fora das consciências individuais, as causas e origens do agir coletivo=moral.

emoções operam como termos de uma linguagem feita a partir de diferenças [amor *versus* ódio/raiva, tristeza *versus* felicidade; medo *versus* coragem] e todas as suas gradações. Emoções são compreendidas, aqui, menos como manifestações atribuídas única e exclusivamente a estados internos de indivíduos atomizados do que a formas coletivas de sentir, fazer e pensar. Marcel Mauss, em *A expressão obrigatória dos sentimentos*, mostrou como lágrimas, uivos, risos e gritos estavam longe de ser, apenas, manifestações biopsicofisiológicas. Ao contrário, são tomadas como parte de uma gramática simbólica altamente comunicante. Nas pistas deixadas por Mauss, Le Breton (2001, p.9), afirma que: “Les sentiments ou les émotions, bien entendu, ne sont nullement des phénomènes purement physiologiques ou psychologiques, ils ne sont pas laissés au hasard ou à initiative personnelle de chaque acteur”. Estamos diante do princípio segundo o qual, fazendo nossas as palavras de Lévi-Strauss,

Os homens não agem, enquanto membros de um grupo, de acordo com aquilo que cada um sente como indivíduo: cada homem sente em função da maneira pela qual lhe é permitido ou prescrito comportar-se. Os costumes são dados como normas externas, antes de engendrar sentimentos internos, e estas normas insensíveis determinam os sentimentos individuais, assim como as circunstâncias em que poderão ou deverão se manifestar (LÉVI-STRAUSS, 1976, p.156).

Não deve restar dúvidas de que pensamos pelo e através do grupo e os processos sociais e históricos de individualização e individuação foram decisivos à interiorização e o controle das emoções e das pulsões. Segundo Christine Dètrez (2002), o processo de individualização é indissociável do de individuação. Ambos os processos são o resultado do processo civilizatório. A um maior controle social da agressividade e da violência assim como dos pudores, que chamamos de individualização, corresponderia à interiorização do constrangimento, resultando em um autocontrole emocional por parte do próprio sujeito, que chamamos de individuação. Assim, o processo de individualização e de individuação encerra uma homologia. De acordo com esse ponto de vista:

Ainsi le corps s’efface, la civilité vient réguler les attitudes les plus intimes de la corporéité, dans le sens du contrôle strict. Il ne s’agit pas de la simple modification de règles de comportement, mais de l’évolution complète «de la vie émotionnelle» telle qu’elles s’exprime dans le mode de pensée, de langage et l’ensemble du comportement humain (DÈTREZ, 2002, p.111).

O olhar exterior do outro, que controla e constrange, teve papel fundamental nesse processo. O constrangimento do outro, via o olhar, interioriza-se sob a forma de um autoconstrangimento levado a cabo pelo próprio sujeito e que implica na regra objetiva que se subjetiva e aí passa a ter um sentido para um homem concreto à sua maneira.

TURISMO, MEDO E VIOLÊNCIA NA CIDADE

Às vésperas do Carnaval carioca de 2009, alguns dos principais jornais da cidade do Rio de Janeiro davam destaque a uma onda de assaltos contra turistas estrangeiros. Esse trabalho toma como material de análise três reportagens de jornais de circulação nacionais: *Jornal do Brasil* (JB), *O Globo* e *O Dia*. Também analisamos três reportagens veiculadas pelo canal aberto TV Globo. Ambos os jornais, impresso e televisivo, possuem uma ampla circulação na cidade do Rio de Janeiro, assinalando, assim, sua importância como material de comunicação de mensagens e idéias que serão lidas a sua maneira pelos atores sociais.

No dia 20 de fevereiro de 2009, sexta-feira e véspera do Carnaval carioca de 2009, o *Jornal do Brasil* e *O Dia* noticiavam os números da violência cometida contra turistas na cidade do Rio de Janeiro. Alguns dias antes, como no dia 17 de fevereiro, quarta-feira, 13 turistas haviam sido assaltados em um albergue em Copacabana. No dia seguinte, quinta-feira, dia 18 de fevereiro de 2009, 34 turistas foram assaltados na Lapa, bairro do centro da cidade assim como outros 10 turistas também tinham sido assaltados em São Conrado, bairro da zonal sul, em um passeio de Jipe.

Nas representações veiculadas pela mídia sobre os turistas assaltados, chama atenção as associações simbólicas entre ideias, lugares e situações. É dessa forma que no título da matéria “Mancha ronda o Carnaval” e no subtítulo “Bando rouba mais um albergue, dessa vez na Lapa, e Indústria hoteleira cobra do governador Sérgio Cabral providência contra a onda negativa”, o *Jornal do Brasil* dá destaque a uma fala de um turista, assaltado no albergue localizado na Lapa, centro do Rio: “Estou há um ano viajando pelo mundo e só fui assaltado aqui, e dentro de casa”, lamentou o estudante inglês Sunjay Aggarwal, 25 anos. “Foi um susto, mas voltarei. Alguns dizem que não voltam, mas nenhuma cidade está livre de assaltos” (SÁLES, 2009, p.A2). A fala do turista ressalta relações importantes a nossa análise. Quando fala sobre o assalto, o turista enfatiza que foi assaltado somente no Rio de Janeiro, depois de viajar há algum tempo pelo mundo; ele também chama a atenção para o lugar onde o assalto foi praticado: dentro de ‘casa’, no caso, o albergue, um lugar que mesmo não sendo tão seguro como nossa casa, não é o mundo inseguro da rua. O turista ainda ressalta que voltará, ainda que outros turistas tenham dito a ele que não retornariam à cidade.

O JB prossegue a matéria explicitando o ‘sentimento de medo’ que parece tomar conta do Carnaval. Note-se que o medo toma conta de todo o Carnaval, não de uma parte dele. Ainda de acordo com o jornal, o “segundo arrastão consecutivo em albergues no Rio, às vésperas do Carnaval, abalou o tradicional clima de euforia e trouxe de volta à cidade o medo da violência” (SÁLES, JB, 2009, p. A2). O clima de euforia que a cidade vivia – explicitado como sendo tradicional – foi quebrado, segundo o jornal, pelo segundo arrastão³ em outro albergue da cidade. Sobre a violência cometida contra turistas, o JB ressalta que, além das perdas materiais, também foi perdido algo mais: “Além das perdas materiais, a passagem pelo Rio ficará marcada pela tortura psicológica: as vítimas foram amarradas e viram os bandidos ameaçarem explodir uma granada” (SÁLES, 2009, p. A2).

Na matéria do JB observa-se uma polarização entre o clima de euforia do Carnaval e o medo da violência. Ou seja, quando se fala do clima do Carnaval, estabelece-se uma polarização com a violência que retorna – ela algum dia teria ido embora? – à cidade. Não obstante, a dimensão interna – psicológica – dos turistas assaltados é polarizada com as perdas materiais, mencionadas antes de todas as demais. Após uma contextualização geral, a reportagem dá destaque às várias reações ao evento cometido contra os turistas. A reportagem do JB do dia 19 de fevereiro, prossegue dando destaque às reivindicações das autoridades do setor de turismo, algo que chamamos de ‘o pedido de providência’: “O presidente da ABIH (Associação Brasileira da Indústria de Hotéis), Alfredo Lopes, enviou ontem uma carta ao governador Sérgio Cabral cobrando mais rigor no cumprimento do plano de segurança” (SÁLES, 2009, p. A3). No diálogo entre autoridades privadas e públicas, o Estado é cobrado acerca de seu papel através de uma carta pública. Em seguida, temos o que podemos chamar de ‘a repercussão ao

³ É importante ressaltar que *arrastão* é um termo usado preferencialmente para um tipo de crime cometido por jovens organizados em *galeras* na orla das praias da Zona Sul, provocando pânico e correria generalizada.

evento', da onda de violência cometida contra turistas, principalmente aqueles hospedados em albergues:

Lopes lamentou pela imagem da cidade e ressaltou que o clima de insegurança vai perdurar durante o ano. 'Em fóruns na internet, mochileiros já temem as próximas viagens, enquanto sites da Inglaterra, dos Estados Unidos e especializados repercutem a notícia, além do *Herald Tribune*, a edição global do New York Times, presente em 180 países' (SÁLES, 2009, p.A3).

Na narrativa veiculada pela mídia, a imagem da cidade do Rio de Janeiro é relacionada, por oposição, à dimensão temporal. Diz-se que não só haverá prejuízos – generalizados? – à imagem da cidade, mas que eles irão durar cerca de um ano – exatamente um ano? –, afirma a matéria. O Rio de Janeiro não só é afetado pelos assaltos como eles perdurarão por um tempo que é estimado em cerca de um ano.

Em outra fala de um ator social presente ao campo simbólico em disputa, a presidente da Federação Brasileira de Albergues (FBA) – Ana Maria Rodrigues –, afirma: *“Todos estão preocupados – disse. – O ideal seria que os albergues fossem credenciados, pois, nesses casos, há seguro tanto para o imóvel quanto para os hóspedes”* (SÁLES, 2009, p.A3). A repercussão alcança, inclusive, o Orkut, segundo a narrativa de um turista: *“Não é culpa do albergue”, ameniza um mochileiro. “É da bandidagem que toma conta dessa cidade maldita. Sempre falo para quem pergunta: não vá ao Rio. Não recomendo mesmo”* (SÁLES, p. A3, Tema do dia, JB). As falas acima são marcadas pela crítica à fiscalização realizada pelo poder público, que não possuiria um cadastro dos albergues da cidade, ao mesmo tempo em que assinalam o clima de preocupação que atinge indistintamente a todos. A fala do turista é marcada pela ambiguidade: ao mesmo em que retira a responsabilidade do acontecimento de sobre o albergue, ataca duramente a ‘maldita’ cidade do Rio de Janeiro, recomendando, inclusive, que outros turistas a evitem.

VIOLÊNCIA E MEDO EM O DIA

Em sua edição do dia 20 de fevereiro de 2009, o jornal *O Dia* noticiava em sua capa que “Rio tem 70 turistas atacados por ladrões em menos de dois dias”. A dimensão quantitativa em *O Dia* é ressaltada em relação ao curto espaço de tempo. Essas duas dimensões do fato social vão ser relacionadas com o título da matéria do Caderno Geral, que explicita os prejuízos para o turismo: *“Uma péssima propaganda”* (ROSA, 20/02/2009, p.12). Em seguida, o subtítulo da matéria informava sobre a ação dos criminosos com mais detalhes: *“Bandidos atacam 70 turistas em menos de 48 horas. Ontem, em mais um assalto a albergue na Lapa, 34 jovens foram roubados. Na Estrada das Canoas, dupla rendeu dez estrangeiros”*. Mais uma vez, temos uma espécie de reforço em torno do significado presente na mensagem: jovens turistas estrangeiros são vítimas da violência às vésperas do carnaval. A matéria traz ainda depoimentos de turistas assaltados, expressa categorias, estereótipos, preconceitos e articula idéias e noções com vias a produção de uma imagem da cidade do Rio de Janeiro.

Em uma dessas narrativas veiculadas pelo *O Dia*, um turista inglês narra os acontecimentos no interior de um dos albergues: *“Eu estava dormindo no quarto de cima e só me levaram a carteira com R\$ 300 e cartões. Acho que falta segurança no Hostel, as portas não têm chaves, mas isso poderia ter acontecido em qualquer lugar”,* comentou o inglês Sanjay Aggarwal, 25, que há um ano viaja pelo mundo (ROSA, 20/02/2009, p.12). Na narrativa do turista inglês, o

assalto não foi um acontecimento exclusivo da cidade do Rio de Janeiro. Em qualquer outra cidade, diz o turista, o assalto poderia ter acontecido. Contudo, o turista inglês vai mais além ao descrever o que considera falho e problemático, no albergue: a falta de segurança, evidenciada pela ausência de chaves e a precariedade da segurança de uma maneira geral.

Em outra narrativa, dois turistas comparecem à delegacia já com suas malas prontas para deixar a cidade. Nesse momento, uma fala mais exaltada expressa o sentimento que tomou conta do turista: “Não volto para lá. Quero ir embora logo. O Rio é muito bonito, mas de longe” (ROSA, 20/02/2009, p.12). Apesar do Rio de Janeiro ter qualidades reconhecidas – isso nunca é negado – o turista explicita seu sentimento de medo e indignação afirmando não voltar nunca mais voltar à cidade. A situação a que o turista foi submetido adquire, aqui, um valor hierárquico superior às qualidades turísticas e atrativas da cidade. Ao mesmo tempo, aponta para o poder de reação dos turistas: não retornar e não recomendar lugares como esse. Vemos aqui uma tensão entre Turismo e violência, com o predomínio hierárquico do segundo. Nesse momento, podemos aproximar a fala do turista, destacada pelo jornal, com o título da matéria: ambas perfazem parte de um sistema. O sentimento de medo ou indignação do turista que quer ver o Rio de Janeiro à distância revela a má propaganda produzida pela violência à cidade. Mas, isso está longe de ser uma ideia compartilhada por todos os turistas, vítimas dos assaltos, afinal, há posições bastante distintas a esse respeito.

Além de assaltados em albergues, turistas estrangeiros também foram alvos de bandidos na Floresta da Tijuca. O jornal informa sobre o assalto a turistas em pleno passeio pela Floresta da Tijuca, mais precisamente no Mirante das Canoas. Segundo o jornal, “Dupla ataca jipe com turistas e foge pela mata. Empresa Jeep Tour – Mirante das Canoas – grupo composto por alemães e americanos” (ROSA, 20/02/2009, p.12) O diretor do Jeep Tour, Rafael Ricci, comenta o assalto ao mesmo tempo em que dá pistas sobre algumas outras relações em torno do evento principal em análise: “Em mais de dezesseis anos no ramo este é o quinto assalto que temos e o primeiro a mão armada” (ROSA, 20/02/2009, p.12). Na narrativa do diretor da empresa Jeep Tour, essa não fora a primeira vez em que turistas foram assaltados enquanto faziam passeios. Trata-se do quinto assalto e o primeiro em que houve o emprego de arma de fogo. Logo, podemos especular sobre um quadro em que a situação de estresse, medo e ansiedade vivenciada pelos turistas tenham sido mais fortes do que em outros momentos.

Imediatamente após a notícia do assalto na Floresta da Tijuca é acionada a fala – emocionada? – do governador do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral: “Isso dói meu coração. Mais ainda porque fui eu que lancei os albergues da juventude no Brasil, há 20 anos” (ROSA, 20/02/2009, p.12). O que mais nos chama a atenção na fala da autoridade política é o uso de categorias relacionadas ao universo do *corpo e das emoções*. Ambas as categorias se articulam a outras, como o universo *interior e profundo* da pessoa: *dor e coração*. Aqui, temos uma relação que aponta para uma forte emoção experimentada pela autoridade em oposição ao campo da razão e da racionalidade. Em outras palavras, além de um discurso técnico, voltado ao que o Estado pode fazer para evitar situações como essa, a autoridade política do estado aciona um discurso emocionado. Antes de haver aqui uma oposição excludente, ela é complementar. O sentido da dor do coração se arma a partir da instrumentalidade, impessoalidade e racionalidade dos órgãos do Estado.

MEDO E VIOLÊNCIA NAS IMAGENS DA CIDADE

No telejornal local RJTV, primeira edição, a relação entre o assalto aos turistas e a sensação de medo é explicitada logo no início da narrativa da apresentadora: “Treze estrangeiros que estão no Rio para passar o carnaval viveram uma madrugada de medo. Quatro homens armados invadiram o albergue onde eles estão hospedados em Copacabana, que é o bairro que mais recebe turistas na cidade, e roubaram dinheiro, câmeras e celulares”⁴. Nessa reportagem, a apresentadora chama a atenção para o fato de Copacabana ser o bairro que mais recebe turistas na cidade do Rio de Janeiro. A reportagem prossegue ressaltando a diversidade cultural a partir das diversas nacionalidades entre os turistas assaltados, ao mesmo tempo em que explicita, mais uma vez, o sentimento de emoção sentido por um deles: “Os turistas assaltados são de diversos países: Israel, Alemanha, Colômbia. Na delegacia, eles olharam várias fotos na tentativa de reconhecer os assaltantes. Esse Israelita que veio para o Brasil pela primeira vez disse que sentiu medo”⁵.

Um pouco mais adiante na matéria, um repórter pergunta ao proprietário do albergue de Copacabana se ele iria reforçar a segurança do estabelecimento. O proprietário responde que “Acho que à noite nós vai [sic] botar mais uma pessoa, mas eu não vou botar pessoas com arma não, porque eu não quero que violênce [sic] ainda mais o banguê-banguê aqui não”. Na fala do proprietário do albergue, Copacabana já aparece como um lugar em que a violência urbana está presente em seu cotidiano. Segundo ele, aumentar a segurança com um funcionário armado somente iria tornar as coisas ainda piores do que são. Em seguida, a reportagem apresenta a fala de um turista colombiano: “Esse colombiano disse que depois dessa não pretende voltar mais para o Brasil: ‘Difícil, muito difícil... depois disso... difícil’”⁶. Ao final dessa reportagem é apresentada a fala de uma autoridade policial. Trata-se de um delegado da polícia civil. Sua narrativa é importante porque nela vemos explicitamente relacionadas o assalto aos turistas e a imagem do turismo na cidade do Rio de Janeiro: “Já estamos buscando informações e equipes já estão diligenciando pra tentar levantar na área próximo ao local ou imagens de outros edifícios ou mesmo informação com outras pessoas e a gente vai fazer o possível para chegar até elas. Porque eles não vão manchar a imagem do turismo do Rio assim e ficar sem um troco”⁷.

Em outra matéria, exibida pelo telejornal nacional Jornal da Globo, a narrativa do gerente do albergue assaltado na Lapa, no Centro da cidade, é enfatizada mostrando seu desânimo com a situação: “Todos vão embora... todos. Agora que acabou o carnaval... não tem porque ficar no Brasil pra carnaval”⁸. Após o assalto e toda a violência a que turistas foram submetidos, o gerente diz que não há sentido em se ficar, pois o Carnaval acabara ali, mesmo antes mesmo de começar. O mesmo gerente relata os momentos de medo e tensão que viveu quando os assaltantes o renderam na portaria: “Ele já pegou uma granada e mostrou. Isso aqui, quietinho, isso aqui é uma granada, eu vou explodir tudo isso aqui. Aí eu peguei o dinheiro que tinha, da recepção, R\$ 300 reais, dei a ele, ele falou, não, eu quero os gringos. Eu quero subir para ver o quarto dos gringos”⁹. Não são somente os turistas que experimentam sensações de medo. Aqueles que os recebem e zelam por sua segurança e conforto também são alvo da

⁴ <http://rjtv.globo.com/jornalismo/RJTV/0,,MUL1007675-9097-BANDIDOS+INVADEM+ALBERGUES+COPACABANA+ASSALTAM+ESTRANGEIROS.html>

⁵ Idem.

⁶ Idem.

⁷ Idem.

⁸ <http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM969309-7823-RIO+VIVE+ONDA+DE+ASSALTO+A+TURISTAS,00.html>

⁹ Idem.

violência. A situação em destaque aqui assinala a experiência de medo e pânico a que o gerente do hotel foi submetido diante da ameaça do bandido de explodir uma granada diante do albergue.

Finalmente, na terceira matéria do telejornal diário RJTV 1ª Edição, destaca-se que “O sonho de conhecer o carnaval do Rio acabou antes, na delegacia. Turistas da Argentina, dos Estados Unidos, da Inglaterra, da França, da Austrália e da Coréia. Depois de 27 horas de voo para assistir aos desfiles, o sul-coreano está sem dinheiro, sem passaporte e diz que não sabe como voltar para casa. Apesar do susto, o turista inglês não pensa em ir embora, mas disse que outros hóspedes já decidiram deixar o Rio”¹⁰. Temos aqui um conjunto amplo e complexo de relações, como a do turista sul-coreano que além de perder todo seu dinheiro e seus documentos, não sabe nem como voltar para casa. A impossibilidade do retorno assim como dos meios para isso atesta o tom dramático da situação do turista sul-coreano. Na seqüência de narrativas, temos mais uma vez o reforço presente na fala do turista inglês que afirma não pretender ir embora apesar do ‘susto’ experimentado pelo turista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do Turismo na cidade do Rio de Janeiro ganha sentidos distintos através dos relatos veiculados pela mídia acerca da violência praticada contra turistas às vésperas do Carnaval. Antes de tudo, a metrópole é o palco onde se processa o drama cotidiano de moradores, o que não exclui os milhares de turistas que visitam a cidade do Rio de Janeiro. Por não estarem inseridos nos códigos sociais e culturais usados nas negociações do cotidiano, turistas experimentam, acredito, suas emoções em uma intensidade maior. Na condição de estrangeiros, afastados de seu cotidiano, turistas se encontram muito mais vulneráveis as dinâmicas da metrópole carioca. A mídia explora a emergência de emoções, como o medo experimentado pelos turistas assaltados, associando-a a forma como o Turismo é construído em regiões hierarquicamente valorizadas da cidade: o Centro e a Zona Sul. Não só emoções, mas ações e práticas tais como o abandono dessas áreas da cidade antes mesmo do início do Carnaval são elementos ressaltados pela mídia em suas representações sobre o Turismo na cidade. Além das falas de turistas, temos o acionamento estratégico de autoridades públicas (políticas e forças policiais) e privadas, chamadas a posicionar-se perante os acontecimentos. O governador do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, fala de seu coração doído com a onda de violência contra turistas em albergues, afinal, ele se apresenta como o fundador dos albergues no Rio de Janeiro. Autoridades policiais enfatizam que bandidos serão presos e medidas serão tomadas para a imagem do turismo na cidade do Rio não seja manchada. Um delegado chega mesmo a argumentar que os bandidos não ficarão “sem troco”. Autoridades civis, como o presidente da ABIH, cobram decisões por parte das autoridades públicas de segurança. Sua fala é orientada às perdas que a cidade experimenta, às vezes com efeitos no prazo de um ano.

Nas reportagens veiculadas pela mídia expressas sob a forma de representações que assinalam o clima festivo do Carnaval, momento de alegria e liberação parcial das emoções, percebemos o contraste com sentimentos de medo, ansiedade, angústia e revolta vivenciados por parte dos turistas assaltados. As emoções aqui em jogo são muito mais do que uma simples reação à ação de bandidos e ou autoridades incompetentes. Elas também são parte de algo que se quer destacar com fins a emergência de uma mensagem e de seus significados. Em um grupo

¹⁰ <http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM968852-7823-MAIS+UM+ALBERGUE+E+ASSALTADO+NO+RIO,00.html>. Acessado em: 25/03/2009.

complexo e heterogêneo de turistas, nem todos expressam seus sentimentos da mesma forma e na mesma intensidade. Temos turistas que afirmaram sofrer apenas *um susto* com o assalto ao albergue em que estavam. Outros turistas não só disseram estar assustados com a violência como deixaram claro que iriam embora da cidade o mais rápido possível. Algumas imagens veiculadas pela mídia mostram turistas em uma delegacia carregando suas malas, prontos para deixar a cidade logo após prestar queixa. O clima de medo e desânimo de turistas é, também, uma retradução operada pela mídia. É ela quem seleciona, ordena a forma como as emoções serão articuladas a eventos simbólicos como o carnaval, enfocando, dessa forma, seus desdobramentos segundo a ótica de atores-chaves no cenário da vida política da cidade.

REFERÊNCIAS

DÉTREZ, C. *La construction sociale du corps*. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

JORNAL DA GLOBO. Disponível em: <http://rjtv.globo.com/jornalismo/RJTV/0,,MUL1007675-9097-BANDIDOS+INVADEM+ALBERGUES+COPACABANA+ASSALTAM+ESTRANGEIROS.html> Consulta: 25/05/2009

JORNAL DA GLOBO. Disponível em: <http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM969309-7823-RIO+VIVE+ONDA+DE+ASSALTO+A+TURISTAS,00.html> Consulta em: 11/06/2009.

JORNAL DA GLOBO. Disponível em: <http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM968852-7823-MAIS+UM+ALBERGUE+E+ASSALTADO+NO+RIO,00.html> Consulta em: 25/03/2009.

LE BRETON, D. *Les passions ordinaires: anthropologie des émotions*. Paris: Armand Colin, 2001.

LÉVI-STRAUSS, C. O totemismo hoje. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril cultural, 1976^a, p.95-187.

PARK, R. E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio-urbano. In: VELHO, G. (Org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973, p.26-67.

ROSA, A. et all. Uma péssima propaganda. *O DIA*, sexta-feira, 20 de fevereiro de 2009, p.12.

SÁLES, F. Mancha que ronda o carnaval. *Jornal do Brasil*, sexta-feira, Ano 118, nº. 317, 2^a. edição, 23H, p. A2, A3.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, G. (Org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973, p.11-26.

VIVEIROS DE CASTRO, E.B.; ARAÚJO, R.B. Romeu e Julieta e a origem do Estado. In: VELHO, O. G. (Org.) *Arte e sociedade: ensaios de sociologia da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977, p.130-169.